



UM  
CONVITE  
INESPERADO.

UM FIM  
DE SEMANA  
MORTAL.

# A CAÇA

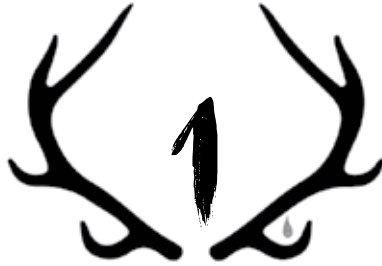
M. A. BENNETT



*Para Conrad e Ruby,  
que são medievais e selvagens na medida certa.*

“Rastreie o cervo até o covil.”

*The Master of Game*, de Edward of Norwich, n.1373



Eu sou uma assassina.

Se bem que, como não tive a intenção de matar, imagino que tenha sido um caso de homicídio culposo. Portanto, tecnicamente, sou uma “homicida culposa”, mas não sei se essa expressão existe.

Quando ganhei a bolsa para a STAGS, minha antiga diretora disse: “Você vai ser a aluna mais inteligente dessa escola, Greer MacDonald.” Posso ser, posso não ser. Mas sou inteligente o bastante para saber que a expressão “homicida culposa” não costuma ser usada por promotores, juízes e advogados.

Devo deixar bem claro, antes que você perca toda a simpatia por mim, que não matei com as minhas mãos. Eu ajudei a *provocar* uma morte, mas não sozinha. Sou como um caçador de raposas. Ninguém sabe qual foi o cachorro que despedaçou a raposa. Todos os cães e todos os cavaleiros com seus elegantes casacos vermelhos têm participação. Logo, todos juntos são responsáveis pela morte da raposa.

Acabei de me entregar. Percebeu? Os tais casacos – os casacos que as pessoas chiques usam para caçar raposas – são cor-de-rosa, e não vermelhos. Eles chamam a cor de *hunting pink*.

Toda vez que abro a boca, entrego que não sou daqui, graças ao meu sotaque do norte. Greer MacDonald, a “garota que não se encaixa”. Nasci e fui criada em Manchester e estudei na Escola Secundária Bewley Park até este verão. Nos dois lugares eu ia muito bem, obrigada. Parei de me encaixar quando ganhei a bolsa para a STAGS.

Preciso contar um pouco sobre a STAGS, porque a escola está ligada ao assassinato. STAGS é a sigla de St. Aidan the Great School (Escola Santo Aidan, o Grande) e é *literalmente* a escola mais antiga da Inglaterra. Nenhum prédio da minha escola secundária, Bewley Park, foi construído antes de 1980. A parte mais antiga da STAGS, a capela, foi construída em 683 e é coberta de afrescos. *Afrescos*. Bewley Park era coberta de pichações.

A STAGS foi fundada no século VII pelo tal santo Aidan. Antes que a Igreja decidisse que ele era Grande, Aidan era só um monge velho e simples que andava, andava e andava pelo norte da Inglaterra falando sobre o cristianismo para quem quisesse ouvir. Um dia, presumo, ele parou de andar e fundou uma escola para ensinar sobre o cristianismo.

Você pode achar que ele foi santificado por causa de toda essa devoção, mas não é bem assim que a banda toca. Para virar santo você precisa fazer um milagre. O milagre de Aidan foi ter salvado um cervo de uma caçada fazendo com que ele ficasse invisível. Por isso o cervo virou o emblema de Aidan e também da escola – aliás, cervos, em inglês, é *stags*. Quando recebi a carta me avisando que tinha passado para a entrevista, a galhada foi a primeira coisa que notei, bem na parte de cima do papel, como duas pequenas lágrimas pretas e serrilhadas no papel.

Conheci a escola durante um daqueles dias ensolarados do meio do inverno, com campos reluzindo devido à geada e sombras longas e baixas. Papai me levou em seu Mini Cooper de dez anos, passando pelo portão e subindo uma longa entrada de veículos através de gramados verdes luxuriantes. No fim da entrada descemos do carro e admiramos a vista. Havia algumas paisagens incríveis na longa viagem de Yorkshire a Northumberland, mas essa foi a melhor de todas. Era uma vasta mansão medieval, com uma espécie de fosso e uma pequena ponte na entrada. Não se parecia nem um pouco com a sede de uma seita perturbadora. A única pista, se eu estivesse procurando, poderia ser o par de chifres de cervo acima da porta enorme.

– *Memórias de um espião* – falei, um pouco nervosa.

Meu pai é cinegrafista da vida selvagem e adora cinema, não somente os documentários sobre a natureza em que costuma trabalhar. Nós assistimos a um monte de filmes juntos, desde megassucessos bobos até os mais obscuros. Meu nome é por causa de Greer Garson, uma estrela dos tempos do cinema em preto e branco. Quando meu pai está viajando, ou filmando à noite, eu assisto a filmes sozinha, só para compensar a vantagem de trinta anos que ele tem sobre mim. Nós temos um jogo: quando alguma coisa que vemos faz lembrar um filme, dizemos em voz alta e a outra pessoa tem que citar outro filme com o mesmo tema. Nesse caso, o tema era “filmes sobre escolas particulares”.

– *Zéro de Conduite* – retrucou ele.

– *Uh là là* – falei. – Um filme *francês*. Agora pegou pesado. – Fiz força para pensar. – Todos os filmes do Harry Potter – declarei, meio abalada. – São oito pontos.

Obviamente papai conseguia ouvir o nervosismo na minha voz. Ele conhece tantos filmes que poderia ter me derrotado facilmente, mas deve ter decidido que aquele não era o dia.

– Certo – disse, me dando seu riso torto. – Você venceu. – E olhou a entrada grandiosa e a galhada acima da porta. – Vamos acabar logo com isso.

E foi assim. Passei pela entrevista, fiz a prova e entrei. Oito meses depois, no início do período de outono, estava caminhando pela entrada da escola, por baixo da galhada, como aluna do *sixth form* – os dois anos de preparatório antes da faculdade.



Eu logo ficaria sabendo que as galhadas são importantes na STAGS. Galhadas saltam de todas as paredes. Também há um cervo no emblema da escola, com as palavras “*Festina Lente*” bordadas embaixo. (Sim, eu pesquisei. É latim e significa “Apressa-te devagar”.) Na capela, os afrescos que mencionei mostram cenas da caça “milagrosa” ao cervo, quando o santo Aidan fez com que o tal bicho ficasse invisível. Também há um vitral muito antigo mostrando o santo com um dedo diante da cara de um cervo, como se tentasse mantê-lo em silêncio. Já olhei esses afrescos e o vitral um milhão de vezes, porque precisamos ir à capela todas as manhãs, o que é bem chato.

Além de ser chato, na capela faz muito frio. É o único momento em que fico feliz por estar usando o uniforme, que consiste num casacão estilo Tudor, preto e de feltro grosso, que vai até os joelhos, com botões dourados na frente. No pescoço usamos uma gravata clerical branca e na cintura um fino cinto de couro de cervo que precisa ser amarrado de um modo específico. Por baixo do casacão usamos meias de um vermelho vivo, cor de sangue. É uma roupa bem idiota, mas pelo menos mantém a pessoa quente nos limites de Northumberland.

A STAGS, como você pode imaginar, é uma escola religiosa. Meu pai e eu não somos nem um pouco religiosos, mas deixamos esse detalhe de lado. Na verdade, meio que podemos ter dado a impressão de que somos frequentadores de igreja. Isso foi na época em que eu *queria* entrar para a escola. Papai ia ficar fora do país por quase dois anos, fazendo um documentário de vida selvagem para a BBC. Se eu não entrasse para a STAGS, precisaria ir morar com a tia Karen. E, *acredite*, eu não queria isso. Minha diretora na Bewley achou que eu tinha notas boas o suficiente para conseguir uma bolsa na STAGS, e ela estava certa. Também tenho memória fotográfica, o que ajuda bastante. Nem posso dizer como isso foi útil quando estava fazendo a prova de admissão. Mas, se soubesse o que iria acontecer naquele período de outono, não teria me esforçado tanto. Teria ido para a casa da tia Karen sem dizer uma palavra.

Além das idas incessantes à capela, existe um monte de outras diferenças entre a STAGS e uma escola normal. Para começo de conversa, eles chamam o período de outono de “Michaelmas”, o de primavera de “Hilary” e o de verão de “Trindade”. Além disso, os professores são chamados de frades. Assim, nosso professor, Sr. Whiteread, é frade Whiteread. Mais estranho ainda: nossa diretora (Srta. Petrie) é a frade Petrie. O diretor, um cara amigável, meio parecido com o Papai Noel, é chamado de abade. Se isso não fosse suficientemente estranho, os frades usam um manto esquisito, tipo hábito de monge, por cima dos ternos, com cordas amarradas na cintura.

Vários frades são ex-alunos que continuam fazendo o que faziam na STAGS na época deles (a STAGS é tão antiquada que eu ficaria surpresa se alguma coisa tivesse mudado). Os frades são praticamente antiguidades. Todos têm mais de 60 anos. Sem dúvida isso quer dizer que eles têm uma enorme experiência, mas tenho uma leve suspeita de que esses velhinhos

são contratados para que ninguém nunca, *jamais*, fique a fim de um deles. Não há absolutamente nenhum perigo de acontecer um daqueles relacionamentos entre professor e aluna sobre os quais a gente lê na internet.

Os esportes também são estranhos na STAGS. Não temos jogos comuns como vôlei, hóquei e futebol, e sim coisas tipo *fives* e tênis real, em quadras de madeira estilo Tudor que ficam depois dos campos esportivos. Esses campos são imensos, mas não são usados para nada comum, como atletismo. Só para esportes como rúgbi e lacrosse. A STAGS tem o próprio teatro, mas ele não tem iluminação chique nem cenários; é uma fiel réplica jacobina iluminada por velas. Velas. Em vez de alemão e francês, estudamos latim e grego. A comida também é diferente das encontradas nas escolas normais, e nesse sentido é bem legal. Na verdade, é incrível – do tipo que você comeria num restaurante bom de verdade, nem um pouco parecida com a gororoba que a gente via na Bewley Park. As refeições são servidas por mulheres do povoado, que parecem ser ótimas pessoas, mas são recompensadas com o apelido de “merendeiras”.

Mas a maior diferença entre a STAGS e uma escola normal é, como você já deve ter adivinhado, que ela custa os olhos da cara. Os pais dos alunos pagam de boa vontade, e não demorei muito para descobrir pelo que eles estão pagando. Não estão pagando para seus filhinhos queridos se beneficiarem do teatro jacobino nem da piscina olímpica, nem da beleza incrível e ofuscante do lugar. Estão pagando é para seus filhos serem *diferentes*.

Nos primeiros mil anos havia apenas quatro casas na STAGS: Honorius, Bede, Oswald e Paulinus. Algumas décadas atrás, eles começaram a admitir garotas. Por isso, fundaram uma casa para as novas alunas: Lightfoot. Na carta de admissão me disseram que os dormitórios da Lightfoot ficavam num dos prédios mais “modernos”, e cheguei esperando um monte de pinho, vidro e aquecimento central. Por acaso o prédio da Lightfoot foi construído em 1550 e era todo com janelas de caixilhos em forma de losango e loucas chaminés espirais. Na STAGS, 1550 era considerado “moderno”.

Meu quarto ficava no terceiro andar, no final de um corredor com lambris em estilo Tudor. Depois de passar por uma imensa porta de carvalho, descobri que o quarto em si era moderno. Tinha móveis de MDF e carpete azul. Uma garota já estava lá dentro. O hábito de pensar em filmes era difícil de ser abandonado. Se minha primeira conversa com ela fosse um script, seria mais ou menos assim:



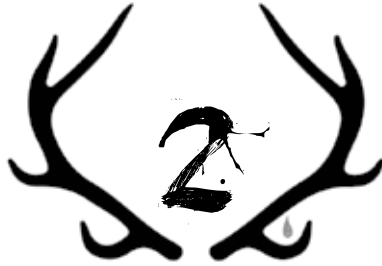
**GREER** (sorrindo): Sou Greer. Qual é o seu nome?

*A colega de quarto de Greer a olha de cima a baixo, de um jeito presunçoso.*

**COLEGA DE QUARTO** (revirando os olhos): *Jesus!*

Depois desse primeiro encontro eu a chamei internamente de “Jesus”, porque isso me fazia sorrir e havia poucas coisas que me faziam sorrir na STAGS. Mais tarde descobri que o nome dela era Becca. Era uma garota louca por cavalos, que tinha fotos de seus pôneis na parede assim como eu tinha fotos do meu pai. Talvez ela sentisse tanta falta deles quanto eu sentia dele. Eu não entendia como. Em termos de diálogos, nessa parte da história foi praticamente só isso. Haverá um monte mais tarde, mas a verdade triste é que ninguém falou muito comigo naquele primeiro período. Os professores me sabatinavam nas aulas e as “merendeiras” perguntavam coisas corriqueiras, tipo “Fritas ou purê, querida?”. (O sotaque delas me deixava com saudade de casa.) E Shafeen, um garoto com quem eu assistia a algumas aulas, ocasionalmente murmurava coisas do tipo: “A estabilidade térmica dos nitratos segue a mesma tendência dos carbonatos.”

Apesar de dividirmos um quarto, Jesus só falou comigo quase no fim do período, e só porque eu recebi o Convite. Se eu tivesse mais amigos – ou algum amigo – naquele primeiro período, jamais aceitaria o Convite. Talvez tenha aceitado porque estava me sentindo sozinha. Ou talvez, para ser bem honesta, tenha aceitado porque vinha do garoto mais bonito da escola.



Estou falando, claro, de Henry de Warlencourt.

Talvez você já tenha lido sobre ele na internet, naquela página sinistra que fizeram no Facebook, ou talvez tenha visto a foto dele no noticiário. Mas na época ele não era famoso – nem infame – fora do próprio círculo. Dizem que não devemos falar mal dos mortos, por isso só vou dizer que, olhando, você jamais saberia como ele era uma pessoa terrível.

Tenho que me esforçar para lembrar dele como o vi pela primeira vez, para ser justa com aquela primeira impressão e tentar esquecer o que sei agora. Ele era o garoto mais lindo que eu já tinha visto. Alto para seus 17 anos, cabelos louros, olhos azuis e pele bronzeada. Quando as pessoas estavam perto de Henry de Warlencourt, olhavam para ele o tempo todo, mesmo fingindo que não. Até os frades pareciam maravilhados. Ele nunca era castigado por nada – não porque não fizesse nada errado; e sim porque se safava de tudo. Era como uma daquelas frigideiras bem legais em que nada gruda. Ele se achava invencível. Mas não era.

Apesar do nome que parecia estrangeiro, Henry de Warlencourt era a pessoa mais britânica que poderia existir. Aparentemente algum antepassado distante havia lutado no exército franco durante as Cruzadas e depois

se estabeleceu na Inglaterra, casando-se convenientemente com alguma nobre que era dona de metade do norte do país. Desde então os Warlencourts eram podres de ricos. Sua casa, Longcross Hall, é uma linda mansão no Lake District. Eu a conheço melhor do que gostaria, porque lá foi o local do crime.

Como eu tirava notas altas em todas as matérias, via Henry de Warlencourt várias vezes; ele e seus cinco amigos mais íntimos. Os seis eram conhecidos como medievais. Todo mundo conhecia os medievais, porque eram os medievais – e não os frades – que realmente controlavam a STAGS.



Os medievais eram os monitores não oficiais da escola. Você os via andando pelo pátio com seus uniformes imaculados, os casacões pretos e compridos esvoaçando na brisa de outono. Os medievais tinham permissão de usar meias de qualquer cor sob seus casacões e enfatizavam esse privilégio escolhendo estampas malucas, como de leopardo ou xadrez. Mas não eram só as meias que os faziam se destacar: era um tipo específico de confiança. Recostavam-se indolentes, como gatos de raça. Essa confiança dizia que as casas deles não eram muito diferentes da STAGS; que provavelmente também tinham terrenos amplos em vez de quintais, casas com alas em vez de vizinhos. Casas com montes de galhadas nas paredes.

Todos os medievais eram altos, lindos e inteligentes, como se fossem gerados especialmente para o serviço. Recebiam os séquitos de admiradores no pátio da Paulinus – um lindo quadrado de grama aparada, cercado por claustros com arcos elegantes, no coração da casa Paulinus.

Henry de Warlencourt estava sempre no centro do grupo, como se fosse o rei em Versalhes, um daqueles milhões de Luíses. Henry era o Sol e o resto do mundo girava ao redor dele. Ficavam lá, conversando, lendo e, depois de anoitecer, fumando escondidos. Havia uma espécie de poço de pedra antigo no meio do pátio. E, se você chegasse perto suficiente para olhar lá dentro, veria que cerca de 30 centímetros abaixo da borda tinha sido posto um círculo de tela de arame, em nome da segurança, e que a tela estava cheia de guimbas de cigarro.

Uma vez joguei uma moeda por entre os buracos, para ver se o poço era fundo. Fiquei escutando durante séculos, mas não ouvi a batida da moeda na

água. Presumi que o fundo do poço estivesse tão cheio de guimbas de cigarro que elas estariam abafando a queda da moeda. O poço da casa Paulinus era como os próprios medievais. Bonito por fora, nojento por dentro.

Se Henry era o líder dos medievais, Cookson era o segundo em comando. Na verdade, Cookson se chamava Henry Cookson, mas era conhecido pelo sobrenome, já que só poderia haver um Henry no grupo. Ele também era bonito, mas parecia uma cópia malfeita de Henry. Era ligeiramente menor e mais gordo, e seu cabelo era de um louro mais sujo. As feições eram mais grosseiras, a pele mais pálida, a voz mais esganiçada. Mas os dois eram inseparáveis, tão próximos como os irmãos que eles pareciam ser.

O terceiro garoto do grupo era Piers. Piers era elegante, moreno e tinha uma monocelha que o fazia parecer constantemente chateado. Ele gostava de acrescentar pequenos detalhes ao uniforme, como um relógio de bolso e um cinto de couro trabalhado em vez do fino e liso que era padrão, e sapatos feitos à mão por seu sapateiro de Londres. Piers era amigo de Henry desde que tinham sido trazidos para o curso preparatório da STAGS, aos 8 anos.

As três garotas tinham aparência bem semelhante, todas loiras e de olhos azuis. Naquele período estávamos estudando Ovídio na aula de grego e elas me faziam pensar nas sereias: criaturas lindas, mas que na verdade atraíam os marinheiros para a morte. Chamavam-se Esmé, Charlotte e Lara. Eram todas bonitas, magras e conseguiam fazer com que o estranho uniforme eclesiástico parecesse algo saído das passarelas de Milão.

Charlotte era prima distante de Henry, Esmé era da baixa nobreza e Lara, que parecia tão britânica quanto as outras, era de uma família russa com fortuna oligárquica. Todas tinham aquele tipo de cabelo que sobe no alto da testa e cai sobre um olho, e o viravam constantemente para um lado para o outro enquanto falavam. Meu cabelo (curto, preto, franja pesada) não se comporta assim, mas todas as outras garotas da STAGS (inclusive, tragicamente, minha colega de quarto, Jesus) tentavam copiar o estilo delas. No começo cometi o erro de confundir as garotas medievais, descartando-as todas igualmente. Se papai estivesse aqui para fazermos o jogo dos filmes, diríamos *Atração mortal* ou *Meninas malvadas*, mas esses filmes não estão realmente à altura do mal que vivia por trás daqueles sorrisos brancos. Aquelas garotas não eram loiras burras, eram

tremendamente inteligentes; subestimá-las era um risco, e foi exatamente o que eu fiz.

Todos os medievais eram incrivelmente ricos. Vários membros da família de Henry tinham estudado na STAGS ao longo dos séculos e o teatro da escola até se chamava Warlencourt Playhouse. Segundo boatos, a família de Lara pagava pela piscina. Isso os fazia se comportarem como se fossem donos do lugar. De certa forma, eles eram.

Sempre havia seis medievais: três garotos e três garotas do segundo ano do *sixth form*. Mas para além desse núcleo fixo havia um punhado de agregados que os idolatravam e faziam tudo que eles queriam, na esperança de também se tornarem medievais no segundo ano. Todo ano, seis medievais partem e um novo grupo é formado, de modo que há um número suficiente de aspirantes por perto. Jesus é definitivamente uma: ela morreria para ser uma medieval.

Individualmente, todos os medievais eram aceitáveis. Eu fazia várias aulas com eles e podiam ser bem humanos. Mas era quando estavam em bando, parecendo sabujos, que você queria ficar invisível, como o cervo de santo Aidan. Na maior parte do tempo eles me deixavam em paz; ocasionalmente as três garotas imitavam meu sotaque e davam risinhos pelas minhas costas quando eu passava por elas no pátio. Eu me sentia como se tivesse um pedra de infelicidade alojada logo abaixo das costelas, e o sentimento só ia embora quando eu me afastava da visão das garotas. Mas para mim era mais fácil. Algumas pessoas pareciam estar na mira deles o tempo todo. Pessoas como Shafeen.



Os medievais chamavam Shafeen de “o playboy de Punjab”. Ele era alto e quieto, com um rosto bonito e sério e olhos pretos indecifráveis. O apelido que tinham dado era intencionalmente inadequado. Para começo de conversa, ele não era de Punjab. Além disso, era muito tímido com as garotas, o oposto de um playboy. Mas era isso, claro, que eles achavam tão engraçado. Pela perspectiva dos medievais, se um apelido parecesse bom e os fizesse rir, ele pegava.

Shafeen era uma das poucas pessoas que falavam comigo. Nós tínhamos escolhido as mesmas matérias para as provas do nível A e tirávamos as

maiores notas, por isso conversávamos bastante sobre as aulas. Você poderia dizer que ele era a coisa mais próxima de um amigo que tive no primeiro período, mas, como ele morava na Honorius e eu na Lightfoot, isso não adiantava muito. No início eu não sabia muita coisa sobre Shafeen – claro, agora eu o conheço. (Descobri que a culpa é um tremendo elo, e, como Shafeen também é assassino, agora temos uma conexão muito particular.)

Diziam que Shafeen era uma espécie de príncipe na Índia, por isso seria de pensar que os medievais o recebessem bem em seu grupo. Mas eles o provocavam sempre e, como eu soube mais tarde, a aversão deles por Shafeen vinha de uma velha disputa que tinha acontecido na STAGS há cerca de um milhão de anos, entre o pai de Shafeen e o de Henry. Shafeen também havia entrado para a STAGS aos 8 anos. Tinha passado pelo curso preparatório e pelo ginásio, até o *sixth form*. Seus pais viviam na Índia. Apesar de conhecer todas as regras e até falar como os medievais, de algum modo ele conseguia ser um forasteiro também.



Muitas vezes me perguntei por que Shafeen aceitou o Convite, uma vez que sabia o que os medievais pensavam a respeito dele. Não tinha como ele *não* saber o que pensavam, já que deixavam isso evidente. Nem mesmo durante as aulas Shafeen estava livre. Uma vez escutei na aula de História um diálogo que me deixou com um pouco de medo por ele.

Estávamos na biblioteca da Bede, sentados nas carteiras individuais, com o fraco sol de outono entrando pelos vitrais e enfeitando nossos casacos pretos com retalhos de luz multicoloridos. Estudávamos as Cruzadas, uma disputa entre os cristãos e os muçulmanos pela cidade de Jerusalém que começou em 1095, quando a STAGS, incredivelmente, já tinha quatro séculos de existência.

– Quem pode me falar sobre a Batalha de Hattin? – perguntou o frade Skelton, nosso rotundo e animado professor de História. – Sr. Warlencourt, alguém da sua família esteve lá, não foi?

Henry sorriu. Os medievais sempre se davam o trabalho de ser charmosos com os frades.

– Sim, frade. Conrad de Warlencourt.

O frade Skelton jogou um pedaço de giz para o alto e pegou de novo.

- Será que o senhor poderia nos dar a perspectiva de sua família?
- Certamente – respondeu Henry.

Em seguida, ele se empertigou um pouco mais na cadeira e eu não pude deixar de pensar que, vestido com o casaco Tudor preto, o sol batendo no cabelo louro, ele também parecia um pouco um jovem cruzado. (*Henrique V*, disse papai na minha cabeça, voltando ao jogo dos filmes. Talvez *Cruzada*.)

– As forças de Guy de Lusignan enfrentaram as forças do sultão Saladino em Hattin. O exército cristão já estava passando fome e morrendo de sede. Desesperados para conseguir água, os cristãos foram atraídos para o lago Tiberius, onde seu caminho foi bloqueado pelo exército do sultão. Era uma armadilha.

Olhando a expressão séria de seu rosto, pude ver que isso doía nele. Por mais louco que pudesse parecer, Henry de Warlencourt ainda se importava com o que havia acontecido com seu ancestral tantos anos atrás.

O frade Skelton não percebeu isso.

– E depois? – perguntou animado, segurando o giz no ar.

– Eles fizeram um estrago conosco, frade. O exército cruzado foi completamente destruído. A derrota levou diretamente à Terceira Cruzada. O sultão tomou a Vera Cruz e a cidade de Jerusalém.

Registrei aquele “conosco”. Henry estava mesmo levando a coisa para o lado pessoal.

– Os sobreviventes foram capturados, mas Saladino não queria o estorvo de prisioneiros. Seus homens imploraram permissão para matar os cristãos. Estavam fazendo fila para isso, com as mangas já enroladas. – Ele bateu com a caneta no bloco de escrita, em gestos malignos. – Só deixaram meu ancestral ir embora com a condição de contar a Ricardo Coração de Leão o que havia acontecido. E ele contou. Foi um crime de guerra, uma atrocidade. – Sua voz ressoou na biblioteca.

Shafeen fez um som quase inaudível. Balançou a cabeça e sorriu ligeiramente. Eu estava numa posição boa para ver e ouvir tudo, sentada logo atrás deles.

Henry o encarou rapidamente, os olhos subitamente muito azuis. Mas o frade Skelton sorriu. Ele adorava um debate.

– Tem alguma coisa a acrescentar, Sr. Jadeja?

Shafeen levantou os olhos e pigarreou.

– Sim, Hattin foi uma atrocidade. Mas houve atrocidades dos *dois lados*. O “Coração de Leão”, como vocês chamam, assassinou três mil prisioneiros muçulmanos em Acre, a sangue-frio. E *aquilo* nem foi uma batalha. Eles estavam desarmados e amarrados.

– Bom argumento – disse o frade Skelton, apontando o giz para Shafeen.  
– Falaremos mais tarde sobre os acontecimentos em Acre. Mas, por enquanto, vamos voltar a Hattin. – Ele bateu no quadro-negro, com o anel de sinete de ouro fazendo um som agudo e metálico. – Eu gostaria que vocês escrevessem um texto curto sobre a batalha e dessem alguma compreensão de como a topografia da área colaborou para a debandada dos cruzados. E, por favor, cuidado com a pontuação! Caso contrário, serei obrigado a lembrá-los, de novo, que “Perdão, impossível mandar para a forca” não significa o mesmo que “Perdão impossível, mandar para a forca”.

Ele escreveu os dois exemplos no quadro-negro (não havia quadros brancos na STAGS), fazendo enorme questão de enfatizar as vírgulas.

– A primeira opção significa que o prisioneiro estará livre. A segunda significa que o pobre coitado vai estrebuchar no cadafalso.

Normalmente poderíamos ter rido, já que gostávamos do frade Skelton, mas naquele dia a atmosfera estava tensa demais. O frade se virou para apagar as frases do quadro e substituí-las por um desenho da região conhecida como “Cornos de Hattin”, onde a batalha ocorreu. Cookson viu uma oportunidade e se inclinou para a frente na cadeira, em direção a Shafeen.

– Imagino que algum dos seus ancestrais também tenha estado em Hattin, hein, Punjab? – disse com o canto da boca. – Do lado dos jóqueis de camelos, não é?

Bom, eu não sabia nada sobre a religião de Shafeen, nem se ele tinha religião, mas o que Cookson havia feito era olhar a cor da pele dele e situá-lo com firmeza junto com Saladino e os “infiéis”. A mensagem era clara: os garotos brancos cristãos contra o moreno muçulmano.

Shafeen não olhou para Cookson. Estava desenhando uma cruz dos cruzados em seu bloco com pauta, preenchendo o desenho com tanta força que os nós dos dedos dele estavam esbranquiçados. Por um momento, notei como seus cílios eram compridos à luz do sol que entrava pelos vitrais.

– Talvez você devesse prestar atenção à aula de Geografia tanto quanto à de História – retrucou ele, com bastante clareza. – Punjab não fica nem um pouco perto de Jerusalém. Nem o Rajastão, de onde eu sou.



Fiquei pasma. Nunca tinha visto Shafeen dizer tantas palavras de uma vez, e com tanta confiança e autocontrole. Não parecia sentir nenhum medo deles.

O frade Skelton se virou de novo para a turma e Cookson se acomodou de volta na cadeira. Tinha sido derrotado, e pude ver que ele não gostou.

– Merdinha – sibilou Cookson.

– Não é um merdinha – murmurou Piers. – Ele é uma merda comprida e marrom.

– Como as que você solta depois de comer vindalho – completou Cookson. – Comprida, marrom e fedendo a curry.

Piers deu um risinho e disse:

– Vamos dar um jeito nele.

Cookson se balançou para trás na cadeira e se espreguiçou com extravagância.

– Agora não falta muito – concordou.

Havia tanto veneno na voz daqueles dois que senti pena de Shafeen. Tentei sorrir para ele, mas ele não me viu. Em vez disso, ficou olhando os bonequinhos de palito desenhados pelo frade Skelton, representando cruzados mortos muito tempo atrás.

Eu sabia que Shafeen tinha ouvido cada palavra. Olhei para Henry. Com a cabeça loura abaixada, ele estava copiando meticulosamente o diagrama em seu bloco. Como sempre, Henry não tinha participado de nenhuma ofensa; não tinha feito nada além de olhar para Shafeen, mas seus cães de ataque haviam saltado em sua defesa. Naquele momento eu ainda considerava Henry o melhor de todos eles, antes de perceber que era o pior.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

